

LISTAS BIBLIOGRÁFICAS
DE APOIO AO CURRÍCULO
DE PORTUGUÊS
ENSINO SECUNDÁRIO

Poesia Portuguesa do século XX

Volume 2

2017

Biblioteca Escolar Clara Póvoa | AELdF

POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO

VOLUME 2

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Fotografia da capa: Filipe Oliveira. Olhares.sapo.pt

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

2018

Poesia Portuguesa Século XX. Vol. I. Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

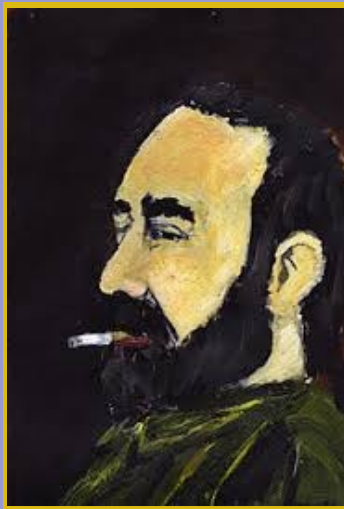
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!

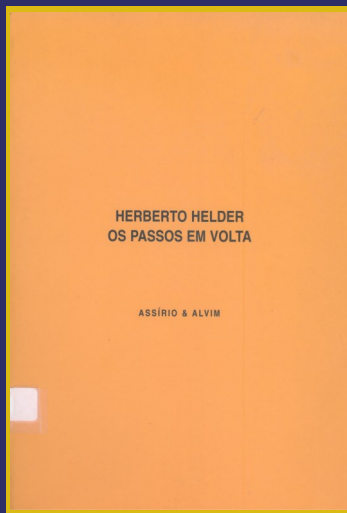


Herberto Helder

Herberto Helder de Oliveira (Funchal, São Pedro, 23 de novembro de 1930 – Cascais, 23 de março de 2015) foi um poeta português, considerado o "maior poeta português da segunda metade do século XX .

É considerado um dos mais originais poetas de língua portuguesa. Era uma figura misantropa, e em torno de si paira uma atmosfera algo misteriosa uma vez que recusa homenagens, prémios ou condecorações e se nega a dar entrevistas ou a ser fotografado. Em 1994 foi o vencedor do Prémio Pessoa, que recusou.

A sua escrita começou por se situar no âmbito de um surrealismo tardio. Em 1964 organizou com António Aragão o "1.º caderno antológico de Poesia Experimental".

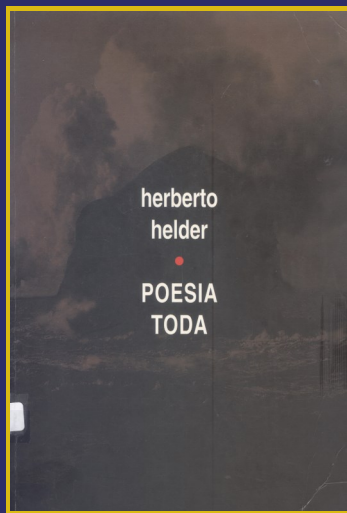


Cota: 821.134.3-34 HEL

Os textos

Não descuido a minha obra. Deve-se velar por aquilo que conseguiu ascender, entre riscos e ameaças, às condições da realidade. Mas serão os meus poemas uma realidade concreta no meio das paisagens interiores e exteriores? Não possuo um só dos papéis que enchi; interessa-me a forma acabada das minhas experiências, e suas significações, mantida numa espécie de memória tensa e límpida. Os papéis, esses, estão em frança (Paris ou Marselha), na Holanda, na África do Sul. Encontram-se nas mãos de conhecidos, desconhecidos, amigos, inimigos – e cada qual saberá usar deles de modo particular e, suponho, exemplar. Tirarão daí indeclináveis razões para a moralidade dos seus pensamentos com relação a mim e a eles mesmos. Não, não sei de cor as pequenas composições de palavras. Retenho a fantasia, a objectividade delas – ponto onde me apoio para saber que sou sólido, e tenho (ou sou) uma obra. Avancei muito no conhecimento da divindade, desde o dia em que escrevi um dístico na parede de um urinol de Lisboa até à minha obra-prima (um poema dramático), oferecida com maliciosa ingenuidade a uma prostituta nas docas de Amesterdão (ela não sabia português). Um poema desesperadamente religioso que falava do corpo e da sua magnificência e perenidade. (pp. 147-148)

Hélder, Herberto. (2001). *Os passos em volta* (8.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-1 HEL

Aos amigo

Amo devagar os amigos que são tristes com cinco dedos de cada lado.

Os amigos que enlouquecem e estão sentados, fechando os olhos,
Com os livros atrás a arder para toda a eternidade.

Não os chamo, e eles voltam-se profundamente dentro do fogo.

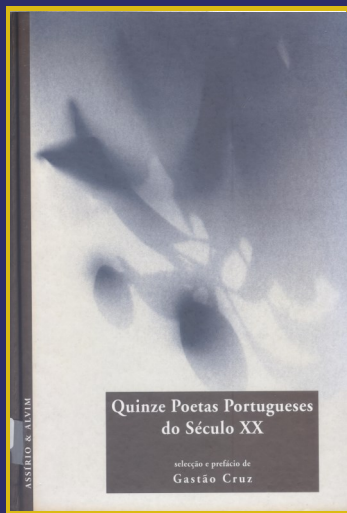
- Temos um talento doloroso e obscuro.

Construímos um lugar de silêncio.

De paixão. (p. 113)

Hélder, Herberto. (1996). *Poesia toda*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Os textos



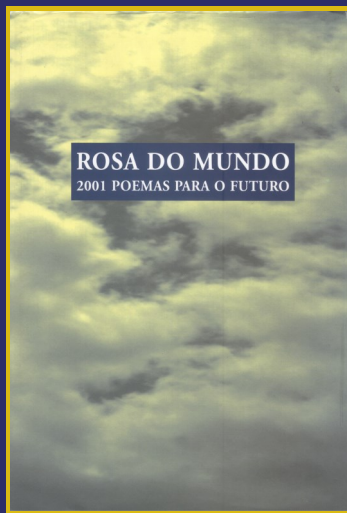
Cota: 821.134.3-82 QUI

Em silêncio descobri essa cidade no mapa
a toda a velocidade: gota
sombria. Descobri as poeiras que batiam
como peixe no sangue.
A toda a velocidade, em silêncio, no mapa –
como se descobre uma letra
de outra cor no meio das folhas,
estremecendo nos ulmos, em silêncio. Gota
sombria num girassol –
essa letra, essa cidade em silêncio,
batendo como sangue.

Era a minha cidade ao norte do mapa,
numa velocidade chamada
mundo sombrio. Seus peixes estremeciam
como letras no alto das folhas,
poeiras de outra cor: girassol que se descobre
como uma gota no mundo.
Descobri essa cidade, aplainando tábuas
Lentas como rosas vigiadas
Pelas letras dos espinhos. (p. 354)

Hélder, Herberto. (2004). Em silêncio descobri essa cidade no mapa In Cruz, Gastão
(Sel.), *Quinze poetas portugueses do século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Os textos



Cota: 821.134.3-82 ROS

Os textos

No sorriso louco das mães batem as leves
gotas de chuva. Nas amadas
caras loucas batem e batem
os dedos amarelos das candeias.
Que balouçam. Que são puras.
Gotas e candeias puras. E as mães
aproximam-se soprando os dedos frios.
Seu corpo move-se
pelo meio dos ossos filiais, pelos tendões
e órgãos mergulhados,
e as calmas mães intrínsecas sentam-se
nas cabeças filiais.
Sentam-se, e estão ali num silêncio demorado e apressado,
vendo tudo,
e queimando as imagens, alimentando as imagens,
enquanto o amor é cada vez mais forte.
E bate-lhes nas caras, o amor leve.
O amor feroz.
E as mães são cada vez mais belas.
Pensam os filhos que elas levitam.
Flores violentas batem nas suas pálpebras.
Elas respiram ao alto e em baixo. (pp. 1698-1699)

Hélder, Herberto. (2001). Fonte In Correia, Manuela (Org.), *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 80 GUI

Sobre os textos

Uma primeira pista que se entreabra para uma leitura da poesia de Herberto Helder levar-nos-ia talvez a relacioná-la com a experiência surrealista, sobretudo se estivermos atentos a certas marcas dessa poesia: a valorização das metáforas inesperadas ou fulgurantes, o livre curso de imaginação, o insólito, uma comprometida ambiguidade. Serão estas, aliás algumas das características que hão-de envolver sempre a poesia de Herberto Helder, a ponto de nela se falar, precisamente, do modo como «tudo morre o seu nome noutro nome» ou como acaba por emergir a «desavinda multidão de metáforas encerradas numa única metáfora».

Correndo embora o risco de simplificar demasiado, talvez se possa dizer que modernamente se assiste à definição de duas grandes poéticas. Uma é a poética da libertação da palavra; a outra seria a do encontro da palavra.

Ora é com o movimento surrealista que a primeira está sobretudo ligada. Marcada pelo modo como tenta realizar o encontro da imaginação com a linguagem, não deixa de reservar a esta última uma capacidade interventora que faz com que o seu proposto ideal acabe por pôr em questão os valores tradicionalmente reservados à literatura. (pp. 85-86)

Guimarães, Fernando. (1989). *A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade*. Lisboa: Caminho.

DICIONÁRIO DE LITERATURA PORTUGUESA

Organização e Direcção de
Álvaro Manuel Machado

A. CAMPOS MATOS · ÁLVARO MANUEL MACHADO · AMÉRICO GUERREIRO DE SOUZA
ANA HERNANDES · ANA LUÍSA VIEIRA · ANA DE SOUSA · ANTONIO GONÇALVES · ANTONIO
FERREIRA DE BRITO · ARTUR ANSELMO · CÂNDIDO RIBEIRO · CARLOS REIS · CECÍLIA
BARREIRA · CLARA ROCHA · CRISTINA RASÃO · DANIEL MENO PAGALEX · ESTEVÃO SAN-
TOS · FERNANDO CARVAL MARTINS · FERNANDO CRISTÓFARO · FERNANDO GUIMARÃES ·
FERREIRAS J. S. MARTINS · HÉLDER ESCOBADO · HÉLDER BRAGOS · HÉLTER CARVALHO
RIBEIRO · HENRIQUE CHAVES · ISABEL ALLEGRO DE MACALHÃES · ISABEL PIRES DE LIMA
· JOÃO RODRIGUES CHENARRO · JOÃO LEAL · JOÃO MOURA · JOEL HERRÃO · JOSE AUGUSTO
FRANCA · JOSE AUGUSTO MARTA · JOSE CARLOS SEARA PEREIRA · JOSE MIGUEL DAS
MARQUES · JOSÉ V. DE PINA MARTINS · JUSTINO MENDES DE ALENQUER · LAURINDA
ROSE · LUIS FORJAZ TRINDADE · LUIS DE SOUSA HENRIQUE · LUIS FRANCISCO REBELLO ·
MARIA ANELISA GOMES · MARIA DE FÁTIMA MATEUS · MARIA TEREZINHA DE ARAÚJO ·
MARIA JOSÉ PALLA · MARIA LIDONOR CARVALHÃO RIBEIRO · MARIA DE LIDONOR NETO
SILVEIRA · MARIA LUCIA LEPECKI · MARIA MONICA TEIXEIRA · MARIA DO NASCIMENTO
OLIVEIRA · MARIA NAZARENE GOMES DOS SANTOS · MARIA HELENA FONSECA · ROBERTO
AMARAL CORREA · NUNO JORDÃO · OFÉLIA PAIVA MONTENEGRO · OSCAR LEOPIS · PAULA
COSTA · PAULA MOREIRA · PEDRO FERREIRA · SÉRGIO CAMPOS MATOS · TEREZA ARAÚJO ·
TEREZA RITA LOPES · TEREZA SOUSA DE ALMEIDA · JOSÉ DUARTE · VÍTOR TAVARES DO
BRASIL · VÂNIA PINHEIRO CHAVES · VITOR WILHELMINO FERREIRA · ZULEIMA LANTAS

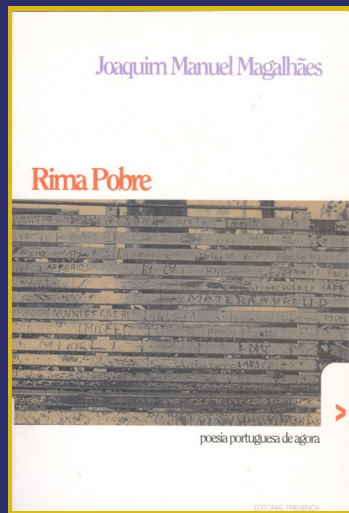
Editorial  Presença

Cota: 80(038) MAC

A poesia de Herberto Helder tornou-se um momento ímpar na afirmação daquilo que, em Portugal, se pode considerar como a mais conseguida realização do visionarismo poético ocidental, que recebe a herança de Rimbaud e Lautréamont e passa pelo surrealismo. Helder consegue imprimir a sua tradição o sulco pessoal de uma linguagem que tem a capacidade de conferir a um metamorfismo de absoluta liberdade a marca concreta de uma alusão física e material ao se poético enquanto corpo simultaneamente de palavras e de carne, conseguindo um efeito único de transmutação da linguagem num corpo vivo, na linha da «alquimia do verbo» de Rimbaud. É com o domínio progressivo desse poder encantatório da linguagem que a sua poesia adquire uma identidade elementar, sob o sinal arquétipo de uma infância que é o depósito imaginário do universo simbólico, cuja descodificação é remetida para um inconsciente inacessível à compreensão profunda. Reside aqui a sua diferença em relação ao espaço do arbitrário ou do absurdo da imagem surrealista, transmitindo, pelo contrário, a nostalgia de um instante detonador, vulcânico... (p. 238)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.

Sobre os textos



Cota: 80 MAG

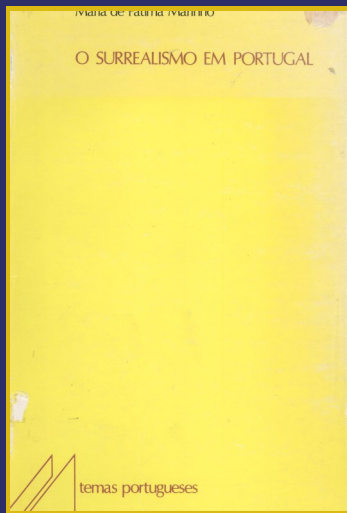
Sobre os textos

Orfeu seria o fundador de uma tradição religiosa cujo deus, em análises variadas, seria Diónisos. Aproxima-se ainda de um outro deus, de um povo ainda mais ao norte do que a Trácia grega, designado por Apolo Hiperbório. O conflito dessas duas aproximações poderá ser o fundamento para a coexistência, na sua figura, da tradição lendária de cultos ctónicos aliados aos hábitos de adoração do selvagem deus da montanha, Diónisos, por um lado, e de qualidades de brandura e doçura e até de suavidade, desprovida de atributos guerreiros, por outro lado.

A ideia de música, a que lendariamente se liga Orfeu, enquanto tocador de lira ou harpa, pode arrastar consigo a unidade de duas contradições: a música tanto pode excitar, provocar o frenesim, como pode acalmar, trazer paz ao conflito.

Estas dualidades sincreticamente conjugadas perdem-se na rede que procura explicar os deuses, o mundo e os homens a que chamamos mitologia. E este domínio mitológico constitui-se, bem o sabemos, como algo de explicativo e normativo, que precisamente coincidia com aquilo a que chamamos a poesia. (pp. 128-129)

Magalhães, Joaquim Manuel. (1999). *Rima pobre: poesia portuguesa de agora*. Lisboa: Editorial Presença.

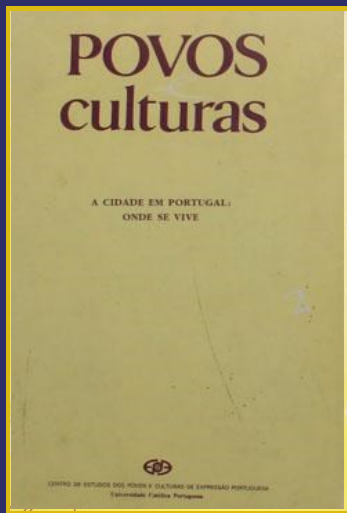


Cota: 80 MAR

Apesar de conhecer que não pode escapar às correntes que o antecederam ou com quem convive, Herberto Helder, num artigo que escreve conjuntamente com Máximo Lisboa, não se coíbe de afirmar que recusa «a denominação de 'surrealista(s)'». É claro que tal recusa é apenas teórica e não tem nenhuma implicação na sua obra poética. E o facto é que ele fez parte do grupo do Café Gelo (onde, como se sabe, se reuniam os surrealistas pelos fins da década de 50) e um texto com a sua assinatura é coligido por Mário Cesariny de Vasconcelos na Antologia Surrealista do cadáver Esquisito. Apesar de não se tratar de um texto ao qual a designação de cadáver esquisito esteja muito bem aplicada, o que interessa é que o seu teor de recusa total do estabelecido e de aceitação do diferente está bem dentro da estética dada mais ainda até do que da surrealista. (pp. 282-283)

Marinho, Maria de Fátima. (1985). *O surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-casa da Moeda.

Sobre os textos



Cota: 94(469) POV

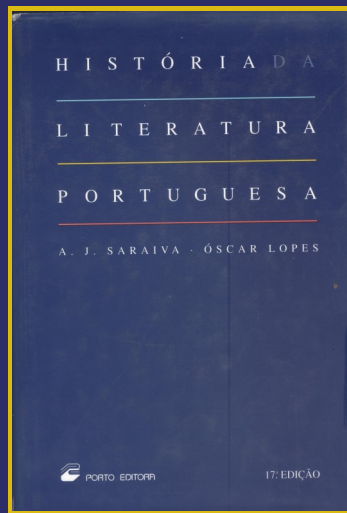
Banalizados os caminhos de intervenção, assiste-se agora ao desdobrar dos múltiplos caminhos da invenção. Liberta a alma libertou-se a palavra. Herberto Helder é talvez, ainda neste momento, o melhor representante da «dissolução e coagulação» do verbo, para usar a linguagem dos alquimistas, dissolução de processos, coagulação de imagens, directamente resultantes da des-organização da consciência que deliberadamente se procura (como já Rimbaud ou Pessoa/Campos tinham feito) para chegar ao desconhecido, às novas formas – tudo e todos de todas as maneiras.

É múltiplo, é abrangente, o desejo do artista. Pode-se dizer que possuímos, na produção literária dos últimos dez anos, alguns exemplos notáveis, na poesia e na prosa, da realização desse desejo.

Abriu-se o espaço do corpo, abriu-se o espaço da alma, insinuaram-se neles o sonho, o delírio, o fantástico e o riso, a par da tradicional melancolia. (p. 402)

Matos, A. T., & Medeiros, C. L. (1986). *Povos e culturas*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Sobre os textos

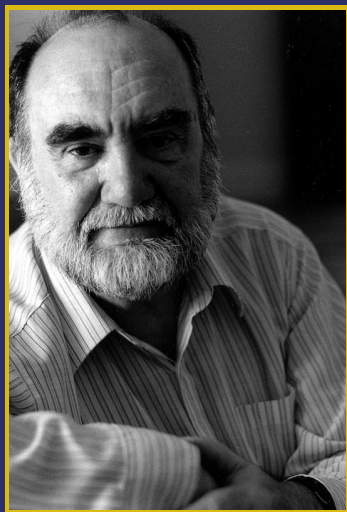


Cota: 80(09) SAR

Uma das mais perturbantes personalidades que entre nós passaram pelo surrealismo, com as suas relações herméticas, alquímicas ou mágicas, e também pela poesia experimental, é Herberto Helder (n. 1930-11-23). Depois da estreia em publicação na sua Madeira natal, fez sair em Lisboa Amor em Visita, 1958, que na sua primeira antologia, Poesia Total, 1 e 2, de 1973, 2 vols. reed. 1981, e 1991, se reúne com poesia que publicou desde 1953 sob o título do seu segundo livro, A Colher na Boca, 1961. Vale a pena registar desde já que vários textos mais conhecidos deste poeta reapareceram em diversos enquadramentos, nos quais parece assumir um papel, ou uma posição, sempre diferente, desde a sua estreia de 1952-58, em páginas de revistas ou suplementos do Funchal. Logo nos mencionados ciclos dos anos 50, H. H. aparece já com uma voz inexcedível na poesia de amor, como se verifica pelos poemas afins de «Dai-me uma mulher jovem com a sua harpa de sombra», pelo ímpeto de uma força que se exprime nos mais... (pp. 1076-1077)

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Clique nos links para aceder aos recursos

[Instituto Camões](#)

[DGLAB—Livro](#)

[Portal Literatura](#)

Recursos Web

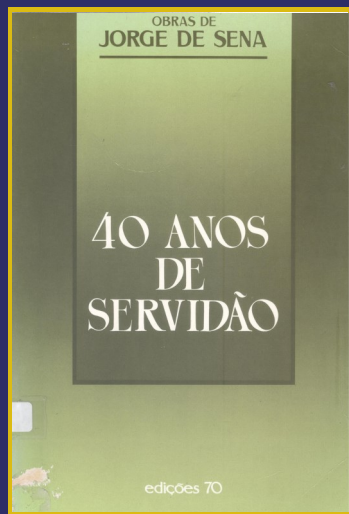


Jorge de Sena

Jorge de Sena nasceu em Lisboa, a 2 de novembro de 1919, e faleceu em Santa Barbara, na Califórnia, a 4 de junho de 1978. É hoje considerado um dos grandes poetas de língua portuguesa e uma das figuras centrais da cultura do nosso século XX.

Em setembro de 1937 ingressa na Escola Naval como primeiro cadete do “Curso do Condestável”, mas vicissitudes diversas da viagem de instrução no navio-escola *Sagres* ditam a sua exclusão da Marinha em março de 1938. A passagem pela Armada no preciso momento da luta pela liberdade em Espanha constitui uma experiência traumática da sua adolescência que será matéria de diversos poemas e ficções, como “A Grã-Canária” e, no caso da Guerra Civil, *Sinais de fogo*. Jorge de Sena, que começara a escrever em 1936, estreando-se em 1942 com *Perseguição*, acaba por se licenciar em Engenharia Civil (1944) pela Universidade do Porto, trabalhando na Junta Autónoma de Estradas de 1948 a 1959, ano em que se exila no Brasil. A mudança para o Brasil permite-lhe uma reconversão profissional que vai ao encontro da sua vocação, dedicando-se ao ensino da literatura, acabando por se doutorar em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (São Paulo), em 1964.(excertos)

Jorge Fazenda Lourenço (s/d). Jorge de Sena. Instituto Camões. Em <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/jorge-de-sena-55876-dp1.html>



Cota: 821.134.3-1 SEN

Os textos

Os poetas se publicam todavia. Chegam-me livros de alguns, doutros não. Mas nem tudo o que recebo leio inteiramente. E às vezes vou lendo com cuidado uns outros que não chegam. Não posso humanamente, dia a dia, ler a toda a gente em Portugal: não tenho já quase sequer tempo para ir lendo o que se lê para ensinar a gente distraída o Portugal de outrora, o que houve ou vai havendo. Sempre temi, de resto, o tão comum português jeito de não ler senão as obras dos amigos ou de quem nos busca num gesto – que é tão grato- de respeito pelo que o termos sido representante. Mas - tão estranho que pareça – ainda os poetas Se escrevem, se publicam. E neste instante é disso que medito me escrevendo. Que somos todos? Que pensam eles? Como é possível comunicar-se poeta Sem que por mais que um hábito perdido daquele tempo em treva de que fomos luz inerme e pobre, mas que iluminámos, se bem que alguns da treva não soubessem, ou outros se pensassem mais que luz faróis (p. 176)

Sena, Jorge. (1989). *40 anos de servidão*. Lisboa: Edições 70.



Cota: 821.134.3-32 SEN

Os textos

O castelo era pequeno, mas muito antigo; se tinha aquele aspecto de fábrica nova era porque havia passado por grandes obras, em tempos recentes, ordenadas pelo defunto marido da senhora dele, quando viera da Constantinopla, carregado de riquezas. Porque ele era – ou tinha sido – o celebrado Dom Gundisalvo Matamoros do Pendão, que servia o imperador. O cavaleiro ouvia estas explicações na grande sala de armas, que o capelão lhe dava, gordo e bamboleante, com a grande cabeça e as mãos papudas como banha escorrendo do odre atado pela cinta, que era o hábito escuro. O capelão, então, na mesma voz melíflua a contrastar com o seu volume vasto, inquiriu de quem ele era e de onde vinha, desconfiado do jovem belo que, sorridente, o ouvia. Longamente insistiu em perguntinhas repetidas de diversos modos. Mas a tudo ele respondia apenas.

- Eu sou aquele que a senhora espera.

E estavam nisto, quando uma das donzelas desceu a escada que se destacava das sombras do salão e era o caminho para os paços da moradia. Feita junto deles a sua reverência, disse:

- A senhora manda que o nobre físico suba, que quer vê-lo sem detença.
(p. 27)

Sena, Jorge. (2001). *Obras de Jorge de Sena: O físico prodigioso* (8.^a ed.).
Porto: Edições Asa.

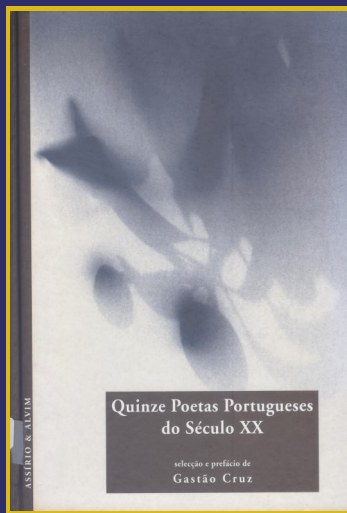


Cota: 821.134.3-31 SEN

Os textos

Ramon Berenguer de Cabanellas y puigmal já era célebre, quando, por fusão das duas turmas, passou a ser meu colega no 6.º ano dos liceus. As suas calmas e sonhadoras extravagâncias, o seu ar de senhor de idade, o mistério adulto de que rodeava a sua figura pequena e atlética, a sua profunda convicção de que, desde o século XII ou XIII, a Espanha devia à sua família o condado de Barcelona, as perguntas absurdas, feitas com o ar mais convicto e ingênuo do mundo, com que ele era o terror dos professores inseguros, e o seu famoso sistema filosófico que tudo explicava e o dispensava, «graças ao controle das energias do cérebro», de estudar as lições (salvo em casos de última emergência), tudo isto não fazia dele um ídolo nem um chefe, mas um ente respeitadíssimo, apesar da ironia com que todos o apontavam. Uma vez, numa aula de filosofia (o professor era um pobre diabo, muito lendário pela degradação intelectual a que chegara, e a quem, certo dia, na disciplina ruidosa que eram essas aulas, demonstrámos o argumento de Diógenes arrastando todas as carteiras, sentados nelas, para os vários cantos da sala), D. Ramon, levantou-se, e objectou que todos os seres vivos tinham alma. (p. 29)

Sena, Jorge. (1999). *Obras de Jorge de Sena: Sinais de fogo* (8.ª ed.). Porto: Edições Asa.



Cota: 821.134.3-82 QUI

Os textos

Cendrada luz enegrecendo o dia,
tão pálida nos longes dos telhados!
Para escrever mal vejo, e todavia
a dor libérrima que a mão me guia
essa me vê, conforta meus cuidados.

Ao fim terrível que me espera extenso,
nenhum conforto poderei pedir.
Da liberdade o desdobrado lenço
meu cobrirá. Nem sei se penso
ou pensarei quando de mim fugir.

Perdem-se as letras. Noites, meu amor,
ó minha vida, eu nunca disse nada.
Por nós, por ti, por mim, falou a dor.
E a dor é evidente – libertada. (p. 130)

Sena, Jorge. (2004). Sem título In Cruz, Gastão (Sel.) *Quinze poetas portugueses do século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.

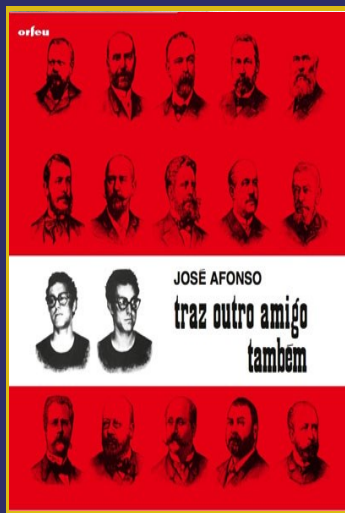


Cota: 821.134.3-82 ROS

Os textos

Uma pequenina luz bruxuleante
não distância brilhando no extremo da estrada
aqui no meio de nós e a multidão em volta
une toute petite lumière
just a little light
una picolla... em todas as línguas do mundo
uma pequena luz bruxuleante
brilhando incerta mas brilhando
aqui no meio de nós
entre o bafo quente da multidão
a ventania dos cerros e a brisa dos mares
e o sopro azedo dos que a não vêem
só adivinham e raivosamente assopram.
Uma pequenina luz
que vacila exacta
que bruxuleia firme
que não ilumina apenas brilha
Chamaram-lhe voz ouviram-na e é muda.
Muda como a exactidão como a firmeza
como a justiça.
Brilhando indefectível.
Silenciosa não crepita
não consome não custa dinheiro. (pp. 1570-1571)

Sena, Jorge. (2001). Uma pequenina luz In Correia, Manuela (Org.) *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro* (3.ª ed.) Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 8 AFO

Música (CD)

Os textos

“Epígrafe para a arte de furtar”

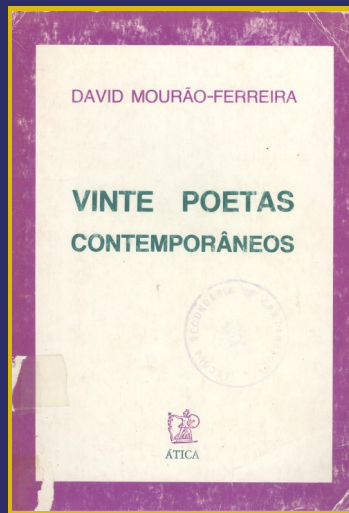
Roubam-me Deus
outros o Diabo
– quem cantarei?

roubam-me a Pátria;
e a Humanidade
outros ma roubam
– quem cantarei?

sempre há quem roube
quem eu deseje;
e de mim mesmo
todos me roubam
– quem cantarei?

roubam-me a voz
quando me calo,
ou o silêncio
mesmo se falo
aqui del rei!

Afonso, José. (1987). Epígrafe para a arte de furtar In *Traz outro amigo também* [CD]. Lisboa: Movieplay.

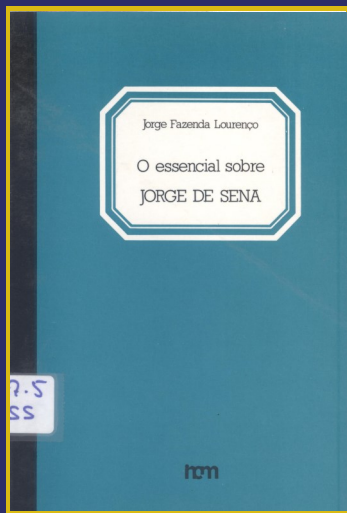


Cota: 80 FER

Sobre os textos

Jorge de Sena, quer como poeta quer como ensaísta, quer como dramaturgo é porventura a personalidade mais rica, mais complexa, mais importante, revelada depois de 1940. E tanto mais timbramos em claramente dizê-lo quanto é certo acharmos, todavia, algumas vezes, a sua poesia dessorada ou gélida, a sua obra ensaísta prejudicada por um pendor alusivo-polemizante nem sempre muito elevado, o seu teatro ainda excessivamente preso à banca do intelectual, muito pouco feito para as tábuas do palco. Mas toda a sua actividade, tão intensa e tão múltipla, reflecte sempre uma tal inquietação e desvela tais fundamentos culturais – que, apesar de todas as discordâncias, ao nosso respeito se impõe. E, contudo, a poesia de Jorge de Sena resiste extremamente às aproximações mais bem intencionadas ou mais desprevenidas. Até este «poema em vinte e um sonetos», que se nos afigura a sua mais «conseguida» obra poética – e aquela em que se esboça, pelo conteúdo, mais nítida fuga ao hermetismo dos livros anteriores – até mesmo este «poema» não foge a essa regra. É que a principal dificuldade da poesia de Sena continua a cifrar-se, mais que nos conteúdos, na «comunicação» deles. (p. 168)

Ferreira, David Mourão. (1980). *Vinte poemas contemporâneos* (2.^a ed.). Lisboa: Ática.

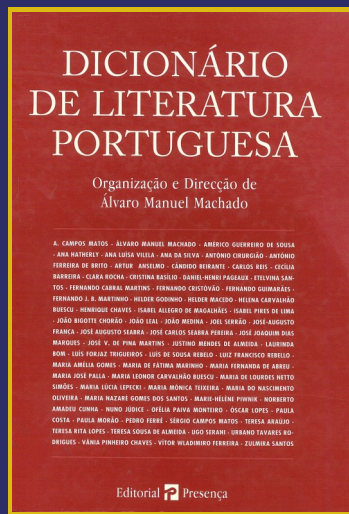


Cota: 087.5 LOU

Sobre os textos

Os temas do Amor, da Morte, da Sexualidade, do Erotismo, da Divindade, do Tempo e do Espaço - «A Morte, o espaço, a Eternidade», se chama um poema -, adquirem, em *Metamorfoses*, e em *Arte de Música* também, uma concentração e uma interpretação tais que se pode dizer que são metamorfoses uns dos outros. E nesta seniana inquirição, ou, como ele diz, nestes poemas que lhe são «epítome da História humana através da arte», as consequências ao nível da aludida tríade dialéctica Homem-deuses-deus são importantíssimas: se em *As Evidências* como que se apelava para que, «cindido tudo, ó deuses, regressai», no final de *Metamorfoses* constata-se já que «[...]os deuses dão-se/ numa nudez total de agreste juventude». Ou seja, aquela «concha tão rica de Morte» é uma «concha pagã», em que o Erotismo da entrevista humana divindade se transforma numa vitória do Amor sobre a Morte. Um amor terrífico, disse, expresso nos epítetos «contraditórios» de Afrodite: Timbórica (a que abre, ou cava, os sepulcros), Persefessa (senhora do infra-mundo), Meláina (negra), Calipígea (de belas nédegas), Pasifessa (rebrilhante ao longe), Ambológera (a que adia a velhice), Andrófona (matadora de homens). (pp. 40-41)

Lourenço, Jorge Fazenda. (1987). *O essencial sobre Jorge de Sena*. Lisboa:

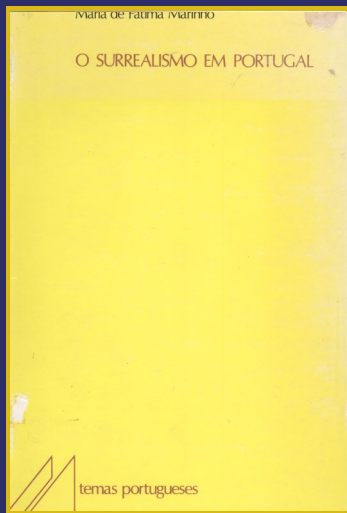


Cota: 80(038) MAC

Sobre os textos

Curiosamente o Sena tão envolvida na defesa da modernidade e aberto ao que no modernismo sempre se reclamou da sua vertente mais vanguardista transformou-se, em anos recentes, em modelo para os que, aceitando ou não os termos periodológicos em uso, têm em Portugal testemunhado ou protagonizado a crise, ou mesmo o fim, da modernidade. A verdade é que sempre a poesia de Sena soube dialecticamente combinar a «disciplina» e o excesso, a ordem e o «tumulto», o «clássico» e o moderno, e isso, em parte, ajudará a explicar o fascínio que por ela experimentam os que iniciaram o seu percurso no acaso no paradigma modernista. Quando partiu para o Brasil em 1959, Sena, então com 40 anos, era já um poeta e um crítico prestigiada, e a organização, no ano anterior, da 3.^a Série da Líricas Portuguesas, em que antologeiava a poesia da sua própria geração e da de 50, dizia bem do lugar de relevo que era o seu no meio literário português da época. A ida par o Brasil veio não só a significar uma mudança radical da sua vida profissional como também a abertura de prometedores horizontes para os seus interesses literários. (p. 445)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.



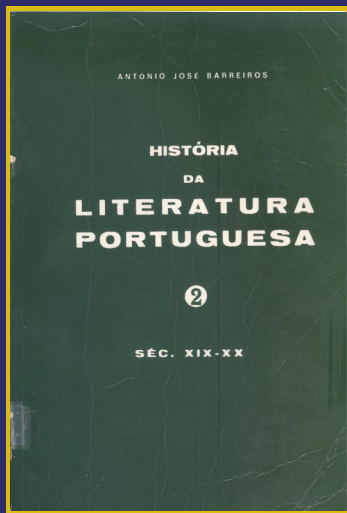
Cota: 80 MAR

Sobre os textos

Jorge de Sena é um caso singular na História do Surrealismo Português. Atento desde a primeira hora à evolução do movimento em Portugal, ele é dos críticos pioneiros a debruçarem-se sobre as actividades surrealistas em Lisboa. Contudo, e apesar de a sua obra ter indubitáveis traços devedores da estética bretoniana, Cesariny e o seu grupo negam-lhe qualquer relação, por longínqua que seja, com as práticas surrealistas do fim da década de 40, início da de 50. A hostilidade existente levou Cesariny a excluí-lo de todas as listas que referem nomes de autores de qualquer forma ligados ao surrealismo. Tal ostracismo parece-me só poder ser devido a questiúnculas pessoais que, evidentemente, nada têm que ver com o nosso estudo. Vamos, pois, passar à análise de características que apelam directamente para a escola francesa.

Não é, evidentemente, por acaso que em 1942 (o surrealismo como grupo vinha ainda longe), Sena inclui no seu livro de poemas *Perseguição* uma epígrafe de André Breton. É claro que tal inclusão não obriga a que o livro seja surrealista, mas é significativa. (p. 177)

Marinho, Maria de Fátima. (1985). *O surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Cota: 80(09) BAR

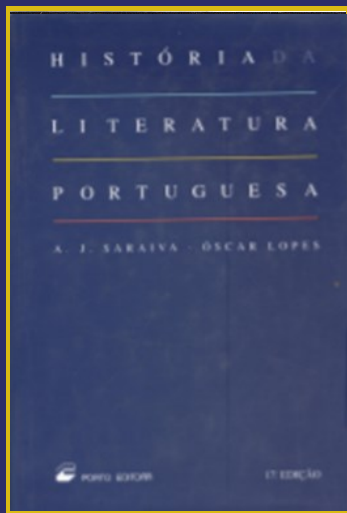
Sobre os textos

A poesia de Jorge de Sena assenta nas motivações culturais e sociais mais díspares, desde a música e as artes plásticas até à revolta contra a miséria humana e às preocupações sócio-políticas do Neo-Realismo e ao comprometimento do indivíduo no Mundo. Problemática densa, sem dúvida.

«Segundo declarou numa entrevista, a sua poesia representa: um desejo de independência partidária da poesia social; um desejo de comprometimento humano de poesia pura; um desejo de expressão lapidar; clássica, da libertação surrealista; um desejo de destruir pelo tumulto insólito das imagens qualquer disciplina ultrapassada (e assim a lógica hegeliana deve sobrepor-se à aristotélica; uma moral sociologicamente esclarecida, à moral das proibições legalistas); e sobretudo um desejo de exprimir o que entende ser a dignidade humana - uma fidelidade integral à responsabilidade de estarmos no mundo»

De forte densidade conceptual, intelectualizada e alérgica a lirismos melífluos, realista e satírica quando calha, a poesia de Jorge de Sena, indecisa às vezes entre o neobarroquismo e surrealismo, é de nível estruturalmente discursivo, espreado-se em períodos de fôlego amplo, escarninhos uma vez ou outra para com a lógica gramatical. (p. 585)

Barreiros, António José. (1996). *História da literatura portuguesa* (14.^a ed., 2.^o vol.). Braga: Bezerra Editora.

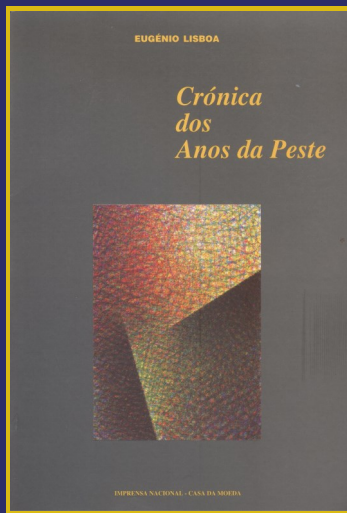


Cota: 80(09) SAR

Obra a todos os títulos singular é a de Jorge de Sena (n. 1911-11-02 – f. 1978-06-04). O livro de estreia, *Perseguição*, 1942, individualiza-se sobretudo por este contraste: uma grande audácia de desarticulação lógica e sintática, que, em certos melhores poemas (como o da criança esgazeada de uma janela para as estrelas), o leva ao surrealismo, e uma obstinação, ainda aí claramente teológica, de atingir pela razão o inafável de além da razão. Em *Coroa da Terra*, 1946, avoluma-se outra faceta doravante característica: a verberação sarcástica ou nauseada, mediante imagens cumulativas de miséria, ou lixo podre, da condição humana (não tanto de uma conjuntura histórica humana, que virá a precisar nos livros seguintes); a intuição do induzível formula-se como recusa «a tudo», «às verdades acabadas». *Pedra Filosofal*, 1950, *As Evidências*, 1955, e *Fidelidade*, 1958, reedição 1968, elevam sucessivamente as contradições vivas do poeta a uma altura que lhes confere a máxima representatividade: um realismo de sátira ou visualidade aguda; e, por outro lado, o anseio de uma inefabilidade por vezes abstrata, operando por negações sucessivas... (p. 1050)

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos

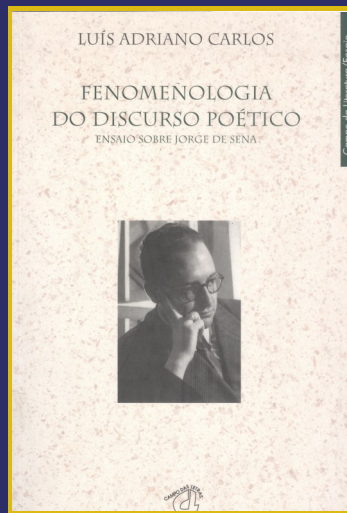


Cota: 80 LIS

Sobre os textos

Parece o principal pecado deste homem, por outro lado tão recheado de virtudes, é o ser demasiado inteligente. Entre nós, especialmente entre literatos, consta que é grave. O dom de articular com clareza, ideias profundas e originais, é, entre portugueses em geral, mas sobretudo entre portugueses dados à literatura, altamente afrontoso e suspeito. Quando, ainda por cima, se é poeta, o desastre é completo – e se o poeta, em cima disso tudo, é engenheiro, a situação torna-se, como é óbvio, demasiado abominável! E nem mesmo o exemplo de altos poetas supremamente inteligentes chegará para nos convencer. Num seu texto já celebre, Jorge de sena observava um dia com mefistofélica ironia: «Quando eu era muito jovem, os meus amigos literários, principalmente os mais velhos, tinham imensa pena de eu não escrever versos, em vez de aplicar a minha tão grande inteligência a escrever sobre as obras deles. Era inteligente demais para poeta, achavam. (pp. 39-40)

Lisboa, Eugénio. (1995). *Crónica dos anos da peste*(2.ª ed.). Lisboa: INCM.



Cota: 80 CAR

Sobre os textos

A obra de Jorge de Sena é marcada por uma profunda consciência dialéctica da literatura. Esta consciência alcança grande visibilidade no processo de constituição de uma «crítica superativa» que atravessa várias etapas: a «crítica-sociológica» e a «crítica ontológica», ou «fenomenológica», são superadas por uma «crítica onto-sociológica» que progride em direcção a uma «crítica estrutural» e culmina numa «crítica tipológica».

O método crítico seniano tende para uma determinação tipológica do objecto, seja o objecto cultural no seu fluir histórico, que se organiza em torno de certas atitudes fundamentais em progressão dialéctica, seja o objecto especificamente literário, de igual modo mobilizado na história pelo dinamismo da transmutação qualitativa. Radicado na tensão essencial de uma dialéctica e de uma fenomenologia, o método visa formalizar a história na estrutura tipológica na determinação reversível de uma historicidade. Logo, a classificação estética do objecto literário, simultaneamente histórico e fenomenológico, é determinada por uma dualidade fundamental: «Note-se que 'ismos' como 'classicismo', 'romantismo', 'barroquismo', 'realismo', 'simbolismo'... (p. 357)

Carlos, Luís Adriano. (1999). *Fenomenologia do discurso poético: ensaio sobre Jorge de Sena*. Porto: Campo das Letras.



Clique nos links para aceder aos recursos

[Portal da Literatura](#)

[Instituto Camões](#)

[RTP Ensina](#)

[escritores.online](#)

Recursos Web



Luíza Neto Jorge

Luíza Neto Jorge, tradutora e poetisa portuguesa, nasceu em Lisboa, no dia 10 de maio de 1939.

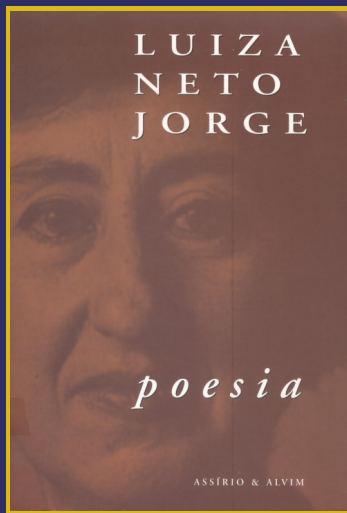
Foi fundadora do Grupo de Teatro de Letras, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Integrou o grupo de poetas que se reuniu em torno do movimento Poesia 61, antologia poética, organizada em fascículos, que reúne textos de Casimiro de Brito, Fíama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz e Maria Teresa Horte, no âmbito do qual publicou *Quarta Dimensão*. O seu primeiro livro foi *Noite Vertebrada*, publicado em 1960.

Traduziu obra, nos domínios da poesia, da ficção e do teatro, de autores como Céline, Sade, Marguerite Yourcenar, Garcia Lorca, Boris Vian, entre outros. Recebeu, em 1987, o Grande Prémio de Tradução Literária pela tradução da Obra “Mort à Crédit” de Louis-Ferdinand Céline.

Fez adaptações de textos para teatro e colaborou com alguns cineastas.

Morreu em Lisboa, no dia 23 de Fevereiro de 1989, vítima de doença pulmonar. (excertos)

(s/d). Luíza Neto Jorge. escritores.online. Obtido em <https://escritores.online/escritor/luiza-neto-jorge/>



Cota: 821.134.3-1 JOR

Os textos

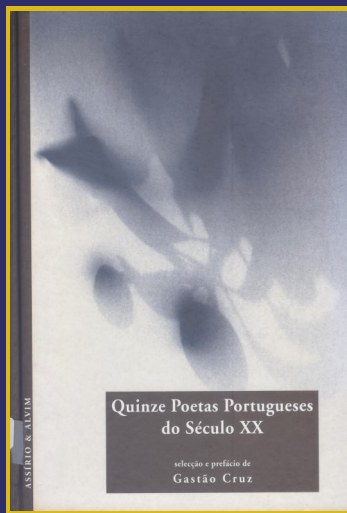
Eu artífice

Atento agora ao traço,
corrijo o mais da matéria,
ergo a minha arte do poço
onde flutua.

como o brilho se desprende
do metal mais bravo,
no forno de cada um
o desgaste é tanto

que eu, artífice, colho
o que de mim alimenta,
falo do que sou sendo,
da sua mão em desordem,
dos passos, das lágrimas baixas
que se vão constituindo. (p. 135)

Jorge, Luiza Neto. (2001). *Poesia* (2.^a ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-82 QUI

Os textos

Jornal de domingo

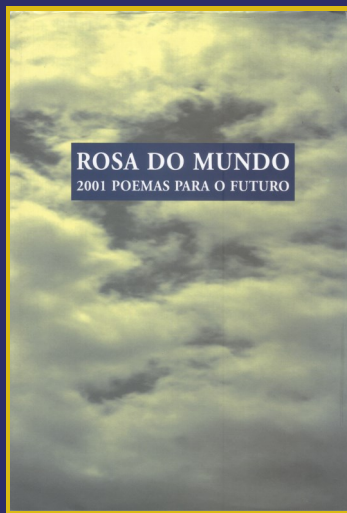
Na página aberta
do jornal de hoje
um anúncio traz
a mulher bela
com poros de pele
um cabelo que são
letras soltas

sua boca é um selo
na resposta à carta
que lhe pede a mão
e o seu sexo louro
e o rosto liso
na fotografia
como um peixe rindo

Todos nós esperamos
que ao dobrar da página
se leia isto aquilo
a emoção de ler

e se leia tudo
do pensar na fêmea
à fêmea esgotada
desde o púbis à cor (p. 442)

Jorge, Luiza Neto. (2004). *Jornal de domingo* In Cruz, Gastão, *Quinze poetas portugueses no século XX*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Cota: 821.134.3-82 ROS

Os textos

A magnólia

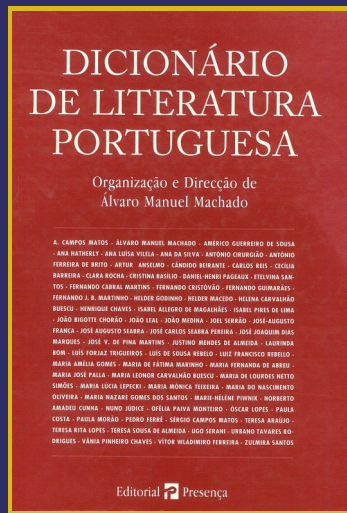
A exaltação do mínimo,
E o magnífico relâmpago
Do acontecimento mestre
Restituem a forma
O meu esplendor.

Um diminuto berço me recolhe
onde a palavra se elide
na matéria – na metáfora –
necessária, e leve, a cada um
onde se ecoa e resvala.

A magnólia,
o som que se desenvolve nela
quando pronunciada,
é um exaltado aroma
perdido na tempestade,

um mínimo ente magnífico
desfolhando relâmpagos
sobre mim. (pp. 1777-1778)

Jorge, Luiza Neto. (2001). A magnólia In Correia, Manuela, *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro* (3.ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

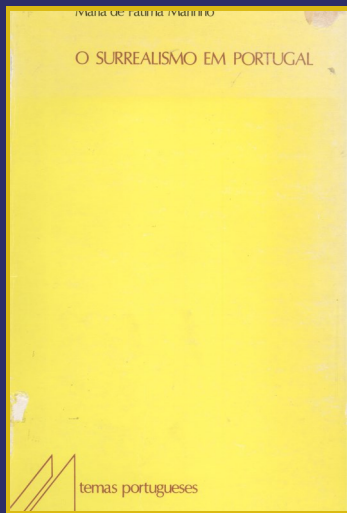


Cota: 80(038) MAC

Sobre os textos

Os símbolos que mais vezes regressam nos seus versos referem coisas tão materiais e quotidianas como a «casa» ou «a porta». Nisso se inscreve num veio da tradição moderna da lírica portuguesa que é, desde Cesário, uma poética do ver e da descrição. Em Luiza Neto Jorge, essa tendência descritiva torna-se um jogo com a própria dificuldade da descrição. A estrofe de abertura de Terra Imóvel dá as regras de tal jogo: «Esclarecendo que o poema / é um duelo agudíssimo / quero eu dizer um dedo / agudíssimo claro / apontado ao coração do homem». A vontade de escrever não se volta apenas para o mendo dos sentidos, mas também para o dos sonhos. assim, na primeira estrofe de Recanto 2: «e também ver inclui dormir / sem que nada se desfaça ou exclua / no interior dos sonhos». A noção de poesia que Luiza Neto Jorge elabora, de forma especial no livro O Seu a seu Tempo, é um desenvolvimento forte e lucido da poética do surrealismo: o seu tema fulcral é o dos poderes visionários da palavra. Por outro lado, há uma irredutibilidade física nas palavras escritas – a presença de uma voz ausente – que se afirma contra a abstracção que os signos implicam e a mancha gráfica congela no branco do papel. (pp. 251-252)

Machado, Álvaro Manuel. (1996). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.



Cota: 80 MAR

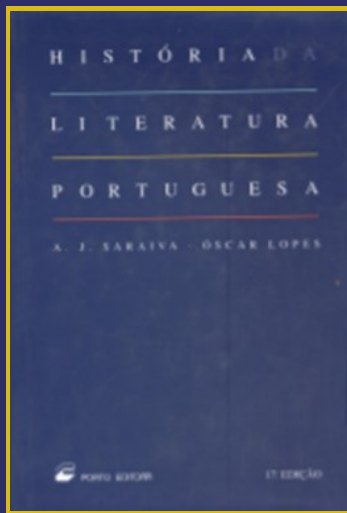
Sobre os textos

Luiza Neto Jorge é talvez um dos autores da nova geração que mais características surrealistas possui. Não é nada difícil encontrar nos seus textos elementos em tudo semelhantes aos escritores surrealistas mais ortodoxos. São inúmeros os exemplos da imagens e metáforas ousadas: «A morte é uma feira aberta em lua», «febril como as pedras prenhas de evasão», «A mulher de areia / conduziu no vento / / os grãos do corpo // rios a fazem e a trazem // garfos a possuem / escorem nos dentes / seus olhos de lâmpada», «quando a caixa torácica passa a ser de metal / por assimilação e de plástico por fora e roda no corpo / e só no sexo o circuito é uma onda fundente / liquidamentemente ».

A enumeração e o nonsense são também processos usados por Luiza Neto Jorge. O poema «Refrões», dividido em três partes, ilustra bem estes dois casos. A I parte formada pela enumeração de termos que são alheios uns aos outros: «oiro / toiro / segredo / pra gado / / boi / toiro / castrado/ pra porco / arado».

As II e III partes mais do que enumerações são exemplos acabados da total ausência de sentido. (pp. 294-295)

Marinho, Maria de Fátima. (1985). *O surrealismo em Portugal*. Lisboa: INCM.



Cota: 80(09) SAR

Luísa Neto Jorge (n. 1930-05-10 – f. 1989-02-23: Noite vertebrada, 1960, Terra Imóvel, 1964, O Tempo a Seu Tempo, 1966, Dezanove Recantos, 1969, Os Sítios Sitiados, recolha, 1973; A Lume, edição póstuma, com fac-símile de fragmentos, 1989, Poesia, 1994) reduz a uma desolada ou desesperada e, no entanto, fria lapidaridade as pulsões da mais feroz agressividade anti-senso comum, libertada pela aleatória apreensão pós-surrealista, com evidências surpreendentemente certas; o seu agudo senso de temporalidade ou transitoriedade assimila cada objecto ou acontecimento ao sítio único, logo depois insensibilizado, daquilo que em geral se concebe como sendo as suas coordenadas espaço-temporais. (pp. 1079-1080)

Saraiva, A. J. & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Clique nos links para aceder aos recursos

escritores.online

[RTP Ensina](#)

Recursos Web

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário